

Oficiais das Forças Armadas. “É altura de dizer basta. Tudo tem um limite”

Presidente da associação, Manuel Pereira Cracel, fala ao *i* do clima de revolta entre os militares

O que motiva o encontro de hoje da Associação dos Oficiais das Forças Armadas no Hotel Mundial, em Lisboa?

É preciso alertar para posturas que têm vindo a ser seguidas. A suspensão do pagamento de complemento de pensão a militares que já estão na reforma e que têm mais de 70 anos, que fizeram a guerra e que deram muito de si. Há questões de saúde, o dossiê das promoções e os militares em regime de contrato. A suborçamentação crónica e as condições que daí advêm para as Forças Armadas (FA). Situações que se vêm agravando.

O que quer do encontro?

Pretende-se discutir publicamente estas questões e colher o estado de espírito dos militares.

Qual o estado de espírito que existe entre os oficiais?

Como a generalidade dos cidadãos, os militares sentem-se lesados nos seus direitos, expressando alguma revolta, que se vai notando. Muitos camaradas referem de forma aberta que o estado em que estamos tem de

ser revertido. Tudo tem limites, é o que se ouve. Tratando-se de militares, há tendência para alguma reserva e dificuldade em manifestar na praça pública o que nos vai na alma. Mas a praça pública também é um fórum onde se pode dialogar.

O que significa que “o estado tem de ser revertido”?

Nós juramos perante a bandeira defender a Constituição da República, temos leis a que somos sujeitos, e quando nem as leis são respeitadas – por exemplo, a Lei de Bases do Estatuto da Condição Militar – é altura de dizer basta. Tudo tem os seus limites. Não queremos condições especiais, mas também temos condicionantes diferentes.

O Presidente da República falou em limites inultrapassáveis. Para os militares, o limite já chegou?

Entendemos que esses limites já foram ultrapassados, mas nós temos também limites para a resignação. Ainda não foram ultrapassados, mas também aí há limites.

E tem havido equidade nos sacrifícios?

Os militares não são imunes ao contexto em que tudo isto acontece. Vão-nos sendo pedidos sacrifícios e ao mesmo tempo

olhamos à volta e deparamo-nos com a ausência de qualquer sacrifício dos principais responsáveis pelo actual estado de coisas. Quando vemos isto, nem militares nem cidadãos se sentem bem. Está em causa a ausência de equidade nos sacrifícios impostos aos militares e à população. A menor aceitação por parte dos cidadãos pode levar à revolta, pela falta de equidade e por serem levadas ao limite.

Há falta de sensibilidade dos responsáveis políticos?

Há uma notória falta de sensibilidade dos nossos governantes para a gestão militar e para o significado do que é ser militar neste ou noutro país. O que vai sendo feito denota mesmo ignorância do que representa a instituição militar e do que deve ou não ser feito quando está em causa uma instituição como esta. Não tem de haver diferenciação face aos cidadãos, mas tem de tratar-se de forma diferente o que é diferente. Tem de haver compensações que a própria lei exige, e faz-se tábuas rasa disso. Nós não podemos fazer greves, não temos horas extraordinárias, temos restrições de âmbito associativo. Neste âmbito, devem ser atendidas estas situações. *Pedro Rainho*